

AS INTER-RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E IDENTIDADE

Antônio Hilário da Silva Filho (UERR, UFRR, UFRJ)
hilario.letas@hotmail.com

Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas (UFRR)

1. Introdução

Nunca os temas linguagem e identidade suscitaram tanto interesse como nos últimos tempos. Por um lado, os cientistas, especialistas ou estudiosos do assunto procuram compreender as relações e inter-relações entre estas duas categorias (linguagem e identidade), para, assim, melhor explicar o sujeito da modernidade. Por outro lado, os meios de comunicação de massa, a mídia, a publicidade procuram utilizar esses conhecimentos para atingir o sujeito, inculcando-lhe suas ideologias, seus objetivos, no sentido de impor-lhe um comportamento desejado, o que é feito por meio das diferentes linguagens.

O impacto da comunicação de massa tem contribuído muito para o processo de fragmentação do sujeito em termos de identidade. Desta feita, a compreensão do sujeito moderno perpassa pela compreensão dos efeitos da linguagem no constructo de sua identidade.

Então é finalidade deste trabalho levantar as principais concepções que embasam a questão da linguagem e seu efeito no constructo da identidade na modernidade, analisando esta questão sob o prisma do que vem se chamando “globalização”.

2. Linguagem, comunicação de massa e globalização: identidade e fragmentação do sujeito

É por meio da linguagem que nos apresentamos ao mundo e representamos o mundo em nossa volta. Ou seja, é por meio da linguagem que damos sentido a nós mesmos e a tudo em nossa volta. Assim a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, é também um importante mecanismo de construção de identidade. Há algumas áreas das ciências humanas que estudam a questão da identidade individual relacionada à percepção consciente de si mesmo, em que os indivíduos são identificados segundo elos de raça, nacionalidade, classe, cultura etc. Diferente deste pressuposto, este trabalho vinculará a questão da identidade à inscrição do sujeito em atos de linguagem.

Não são poucas as ciências que têm se interessado em estudar os impactos ou efeitos da linguagem nos indivíduos. Psicologia, antropologia, filosofia, sociologia, marketing são algumas das ciências que têm recorrido à linguística em busca de melhor compreender os impactos que a linguagem causa no comportamento identitário do sujeito moderno. Daí a grande relevância que a linguística moderna vem ganhando na contemporaneidade enquanto ciência da linguagem.

Dada a sua estreita relação, não podemos analisar a questão da linguagem e identidade sem levar em conta os processos de comunicação de massa e a “globalização” na sociedade pós-moderna. A ciência da comunicação se tornou sistemática muito recentemente, no final da primeira metade do século XX, mas logo se transformou na maior indústria contemporânea cuja matéria prima, óbvio, é a linguagem. Isto porque logo se percebeu o poder da linguagem ou da comunicação para a manipulação das massas.

De fato, não se pode negar o poder da linguagem e seus efeitos no comportamento humano. Daí os meios de comunicação de massa ditarem comportamento. A força da comunicação, no mundo atual, dizem Dileta e Lúbia (2003),

é de uma multiplicidade infinita. Realmente, a todo instante, o homem sofre o impacto desse processo. A vida e o comportamento humano são regidos pela informação, pela persuasão, pela palavra, som, cores, formas, gestos, expressão facial, símbolos. O entendimento não mais se faz apenas pela língua falada ou escrita, mas também através do rádio, da televisão, do jornal, da música, do cinema, da publicidade. Diríamos mais: hoje, podemos constatar estarrecidos que o código verbal está em crise. Predominam a imagem e a comunicação gestual (p. 27-28).

Os processos de comunicação são tão poderosos que hoje são considerados, ao lado dos fatores econômicos, os responsáveis pelo fenômeno da “globalização”, dado ao impacto simbólico que as linguagens ou a comunicação causam no comportamento dos sujeitos no mundo todo. Comportamento este que é gerado por uma onda de consumo de toda sorte. Consumo de bens e serviços, mas também de ideias, ideologias, de cultura. Tudo impulsionado simbolicamente pelos meios de comunicação de massa, pela linguagem.

Dada essa conjuntura, são muitos os autores a reconhecer que a “globalização”, de certa forma, parece querer diluir as identidades, os sujeitos, formando uma espécie de “aldeia global” ou hegemonia cultural, como bem atesta Lévy (2004), ao dizer que

Nós. Os planetários. Nós dirigimos os mesmos carros, nós pegamos os mesmos aviões, nós temos as mesmas casas, as mesmas televisões, os mesmos telefones, os mesmos cartões de crédito. Nós nos informamos na câmara de eco das mídias globalizadas.

[...] Nós, os planetários, consumimos no mercado mundial. Nós comemos à mesa universal (p. 17).

O que se percebe nesta fala de Lévy é realmente uma espécie de cultura globalizada, unificada pelo consumo, que é reforçada pelo processo das mídias globalizadas. Woodward (2000) também comunga dessa ideia. Ao analisar a questão da “crise de identidade” na pós-modernidade, a autora destacar que

A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas. Essas novas identidades, caricaturalmente simbolizadas, às vezes, pelos jovens que comem hambúrgueres do McDonald’s e que andam pela rua de Walman, formam um grupo de “consumidores globais” que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si.

Essas novas identidades, produzidas simbolicamente, como já foi contextualizado acima, têm causado preocupação aos estudiosos do assunto. Temem-se que a globalização fragmente o sujeito de tal forma que a identidade individual, local e até nacional venha se perder totalmente em função da unificação global. Neste sentido, Hall (2006) reconhece o caráter do deslocamento identitário, fazendo com que o sujeito deixe de ser uno para assumir múltiplas identidades. Segundo o pensamento desse autor, isto acontece porque nestes tempos atuais as sociedades são cada vez mais marcadas por um processo sem fim de rupturas e fragmentações decorrentes da globalização. O autor deixa claro que, neste contexto, a globalização é uma grande ameaça às identidades (tanto nacional como a nível local e individual). Ele sustenta que só não há uma desintegração total dessas identidades devido ao movimento de resistência às ameaças da globalização. Isto, segundo suas ideias, fez com que os indivíduos desenvolvessem um processo de articulação das identidades no interior de cada sociedade. Desta forma, o autor comentando Laclau (1990), diz que

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeitos” – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história

(HALL, 2006, p. 17).

Em outras palavras, segundo este autor (HALL, 2006), “as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização” (p. 69).

De fato, essa preocupação com a desintegração das identidades tem levado a uma grande valorização e, lógico, a um reconhecimento cada vez maior da cultura local e até individual. Mas isso não significa fechar-se à cultura do outro. Pelo contrário, é uma forma de articular os elementos particulares, próprios de sua cultura como os elementos da cultura universal ou global, de maneira que as identificações causadas desse processo não anulem ou neguem a cultura original, senão contribuam historicamente para a criação de novas identidades. Identidades essas, vale ressaltar, não resultantes de um processo de perdas, mas da interação entre os seus elementos e os elementos exteriores.

Reforçando esse posicionamento, podemos citar Freitas (2008) que, ao analisar a construção de identidade indígena por meio de recortes de narrativas orais, diz que “não ocorre desintegração do indivíduo porque há articulação entre os diferentes elementos, uma articulação que é flexível o bastante para entrada de novos elementos na estrutura, ou seja, para a criação de novas identificações”.

É esse processo de articulação dos elementos identitários que faz o sujeito pós-moderno ser fragmentado, assumir múltiplas identidades, embora não se trate de perda identitária. A esse respeito, Freitas (2008) diz que “todas as identificações que possuímos se mixam formando nossa identidade. Identidade, portanto, híbrida, que cria um sujeito multifacetado, o qual a cada momento traz para o primeiro plano uma ou outra identificação, dependendo da situação interacional.” Isto implica dizer que assumimos as nossas identificações na medida em que elas nos interessam, no momento em que podem somar forças e nos dar respaldo para dizer quem somos.

Woodward (2000) utiliza dois conceitos importantes para definir identidade na modernidade: a representação e a diferença. Segundo a autora “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior” (*apud* HALL, 1997a). Este princípio é importante na construção da identidade porque ele está relacionado diretamente à questão da diferença. Sem esse princípio da diferença não existiria identidade. Eu sou eu porque sou diferente ou me distingo do outro, isto é, são os meus traços próprios que me distinguem do outro, e, por-

tanto, constituem a minha identidade.

São estes princípios da representação e da diferença que constituem os processos de construção das identidades na modernidade e este constructo identitário se dá por meio da linguagem manifestada pelo sujeito.

É neste sentido que se reconhecem hoje amplamente os processos de variação linguística. A língua como sistema de possibilidades oferece um conjunto flexível no que diz respeito às regras de seleção, combinação e substituição sem comprometer a interação; tudo para que o sujeito se ajuste às diferentes identificações ou identidades que necessita assumir na dinâmica contemporânea.

Segundo Bartoni-Ricardo (2005)

A variação linguística, que já foi vista na infância da ciência linguística como uma ruptura da unidade do sistema, é concebida hoje como um dos principais postos à disposição dos falantes para cumprir duas finalidades cruciais: a) ampliar a eficácia de sua comunicação e b) marcar sua identidade social (p. 175).

Isto implica dizer que “todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice por excelência da identidade (BARTONI-RICARDO, 2005, *apud* LE PAGE, 1980). Esta relação da linguagem com a identidade é tão presente que costumamos dizer que a linguagem denuncia o sujeito, isto é, pela linguagem de uma pessoa podemos identificar traços de seu status social, de seu grupo cultural, de seu nível de escolaridade, de suas crenças e valores. É por meio da linguagem que o sujeito diz ao mundo quem ele é.

3. Conclusão

A identidade e a diferença (representação do sujeito) são ativadas em situações comunicativas. A representação é, pois, um processo de produção de significados sociais que ocorre por meio dos diferentes discursos. Insto implica dizer que os significados são criados pelo sujeito. Eles não pré-existem como coisas no mundo social. Essa concepção nos mostra que é por meio dos significados, contidos nos diferentes discursos, que os sujeitos representam a si e o mundo em sua volta.

É por esta razão que os preconceitos sociais, étnicos, culturais são facilmente transformados em preconceitos linguísticos. Vale ressaltar que

há um jogo de poder envolvendo as questões identitárias. Daí dizer-se que a identidade está em crise. Os grupos dominantes impõem a sua identidade cultural aos menos favorecidos economicamente, tentando negar a identidade destes pelo princípio da diferença, por acharem-no diferentes demais, mas esse mesmo princípio da diferença não é usado para o reconhecimento e valorização da identidade do outro nestes casos.

A própria linguística tem denunciado isso ao analisar a inconsistência da teoria da deficiência cultural apontada pelos seus idealizadores como uma patologia cognitiva das crianças de camadas populares gerada pela carência de estímulos culturais e linguísticos. Isto porque essas crianças em sua manifestação linguística demonstram não dominar a variante padrão usada e valorizada pelos grupos dominantes. Por isso, a cultura dessas crianças é negada, como não falam a língua padrão, do grupo dominante, é como se elas não estivessem cultura.

Dadas essas questões, não basta só saber que é impossível conceber a identidade desvinculada dos atos de linguagem. É preciso combater ou evitar os preconceitos e desvalorização da cultura do outro. É preciso entender que todo uso da linguagem envolve alteridade. Assim, é impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção. Os discursos provêm dos sujeitos que têm suas marcas identitárias específicas localizadas na vida social por meio da linguagem. Então o sujeito posiciona-se por meio do seu discurso de um modo singular assim como os seus interlocutores, o que marca uma intrínseca relação entre linguagem e identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguemos na escola, e agora?* sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. A construção do sujeito nas narrativas orais. *Revista de Pesquisa Histórica*, n. 25-2, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lobo. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LÉVY, Pierre. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. (Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler). São Paulo: Editora 34, 2008.

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARTINS, Delita Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental*. 24. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

TERRY, Eagleton. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.